



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2352 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Bebês na Educação Infantil: o choro como desencadeador de práticas de cuidado e educação
Laís Caroline Andrade Bitencourt - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Isabel de Oliveira E Silva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Este texto trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutorado e tem por objetivo analisar as ações das professoras e da auxiliar de Educação Infantil com foco nas situações de choro das crianças e nos sentidos construídos pelas professoras sobre tais manifestações. Os dados apresentados foram construídos através da observação participante com registro no diário de campo e de entrevistas semiestruturadas com 9 professoras e 1 auxiliar, em uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte. Os resultados apontam desafios do trabalho docente com bebês, trazendo reflexões sobre a formação e a prática docente com crianças em contexto coletivo. Apontam ainda para a necessidade de construção de referências efetivamente adequadas para o cuidado profissional em contexto coletivo, visto a transposição de saberes sociais a respeito do cuidado com bebês feito pelas professoras e pela auxiliar sem o devido espaço-tempo de reflexão. Destacamos também a importância de pesquisas dentro e fora do universo educacional e a indicação para as políticas públicas da formação continuada e em serviço que assegurem reflexão coletiva permanente para o trabalho de cuidar e educar bebês em contexto coletivo.

Palavras-chave: Bebês; Choro; Cuidar e educar na Educação Infantil.

Bebês na Educação Infantil: o choro como desencadeador de práticas de cuidado e educação

Este texto trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutorado e tem por objetivo analisar as ações das professoras e da auxiliar de Educação Infantil com foco nas situações de choro das crianças e nos sentidos construídos pelas professoras sobre tais manifestações. Os dados apresentados foram construídos através da observação participante com registro no diário de campo e de entrevistas semiestruturadas com 9 professoras e 1 auxiliar, em uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte. Os resultados apontam desafios do trabalho docente com bebês, trazendo reflexões sobre a formação e a prática docente com crianças em contexto coletivo. Apontam ainda para a necessidade de construção de referências efetivamente adequadas para o cuidado profissional em contexto coletivo, visto a transposição de saberes sociais a respeito do cuidado com bebês feito pelas professoras e pela auxiliar sem o devido espaço-tempo de reflexão. Destacamos também a importância de pesquisas dentro e fora do universo educacional e a indicação para as políticas públicas da formação continuada e em serviço que assegurem reflexão coletiva permanente para o trabalho de cuidar e educar bebês em contexto coletivo.

Palavras-chave: Bebês; Choro; Cuidar e educar na Educação Infantil.

Este texto tem por objetivo analisar as ações das professoras e da auxiliar de educação infantil com foco nos sentidos construídos pelas professoras sobre o choro dos(as) bebês. Trata-se de recorte de pesquisa de doutorado que visou compreender as experiências sociais das professoras nos processos constitutivos da docência com bebês em Instituições de Educação Infantil.

Tomamos como referência o reconhecimento do direito à Educação Infantil para crianças de 0 a 5 anos pela Constituição de 1988 e as concepções presentes na literatura da área e incorporadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais e demais instrumentos normativos: bebês e crianças pequenas são sujeitos, interativos e produtores de cultura (BARBOSA, 2008).

Consideramos as manifestações dos(as) bebês como dotadas de sentidos comunicativos. Nessa direção, voltamo-nos para o choro que, embora reconhecido como uma das formas de expressão no início da vida, é fonte de desconfortos e incertezas para os adultos que se veem com poucos recursos para orientarem suas ações.

Encontramos apenas uma pesquisa que focalizou os sentidos construídos sobre os choros das crianças na creche, tendo como principais resultados três premissas básicas:

- a) que a emoção constitui-se como o primeiro recurso de interação com o outro, que antecede a própria representação simbólica; b) quando tornamos a cena vivida mais clara, essa clareza pode trazer elementos para outras possíveis intervenções, para outros possíveis diálogos sobre o choro da criança. A perspectiva de transformação pode acontecer exatamente no diálogo entre o cotidiano, a história e espaços de reflexão; c) que o fundamental, nos contextos de formação, é não focalizar apenas o conteúdo a ser transmitido sem possibilidade de reflexão sobre o próprio contexto a que se destina porque é pelo possível distanciamento e necessário estranhamento das práticas rotineiras, esporadicamente ou quase nunca questionadas, que a reflexão e a crítica se estabelecem (SANTOS, 2012).

As demais pesquisas (ELTINK, 2000; ELMÔR, 2009; PANTALENA, 2010, entre outras) voltaram-se para as relações entre bebês, professoras e famílias, principalmente nos momentos de inserção da criança na creche.

Pressupostos teóricos

A categoria *cuidado*, central para a Educação Infantil, está no cerne da definição das finalidades dessa etapa da Educação Básica (BRASIL, 2009). No caso das crianças do berçário o cuidado ganha maior centralidade. O cuidado se tornou objeto de análise no campo acadêmico, principalmente nas áreas da Enfermagem, Filosofia, Ciências Sociais, Psicologia e Educação.

Para Hirata, Guimarães e Sugita (2012) o cuidado (*care*) significa, de forma geral, “o conjunto de medidas públicas necessárias para o bem-estar (*welfare*) da população num Estado-providência” (HIRATA, GUIMARÃES e SUGITA, 2012, p. 82). As atividades de cuidar dos outros são historicamente vinculadas, geralmente, às mulheres das camadas populares, como a organização da casa e os cuidados domiciliares com os parentes próximos ou como trabalho remunerado. Essas atividades, a partir da inserção maciça das mulheres no mercado de trabalho e da industrialização, vão sendo terceirizadas (HIRATA, GUIMARÃES, 2012, p. 1) e a Creche, nesse contexto, constitui-se em uma das instituições que se ocupam do cuidado em contexto coletivo.

O trabalho do cuidado exige competências naturalizadas historicamente como femininas, como afirma Molinier (2012, p.33), “naquilo que é esperado das mulheres” na configuração da sociedade. Outro elemento importante para análise, segundo Molinier, é o fato de que essas atividades ocorrem nas interações e, quando bem feitas, não são vistas. Para Molinier, o cuidado se refere à atitude e à ação de atender às necessidades particulares, na dose certa, o que supõe a avaliação no contexto e por meio da consideração das singularidades (MOLINIER, 2012)

Para Soares (2012) cuidar do outro envolve diferentes dimensões e ações, que dependem tanto da pessoa que se ocupa das atividades de cuidado, quanto da pessoa que será o “objeto” do cuidado, sendo essa interação mediada pela família de quem recebe o cuidado. Para o autor, as tarefas que compõem as atividades de cuidado dependem das especificidades dos atores que receberão os cuidados (SOARES, 2012, p. 45).

Soares identifica diferentes dimensões no trabalho de cuidado, das quais destacamos as dimensões cognitiva e a emocional, que nos guiarão nas análises dos dados que recortamos para este texto. A *dimensão cognitiva* trata dos conhecimentos técnicos sobre o cuidado e a *dimensão emocional* trata dos laços interpessoais e dos vínculos com diferentes estruturas sociais e culturais, sustentando que o trabalho do cuidado exige uma coordenação do eu e das próprias emoções, necessitando, também, de gerir as emoções da pessoa que recebe o cuidado. O autor considera importante, ainda, a atenção à intercessão entre as diferentes dimensões do trabalho de cuidar.

Montenegro (2005) discute o desenvolvimento do cuidado de si como parte integrante da educação moral das educadoras infantis, propondo, assim como o faz Soares, a junção dos campos afetivo e cognitivo. Para a autora,

o cuidado é um processo que inclui componentes morais, cognitivos e emocionais, derivados de um contexto cultural, a formação das educadoras, principalmente no que se refere ao exercício da função de cuidar de crianças pequenas, envolve não só as comumente referidas áreas de conhecimento, mas, também, a educação moral (MONTENEGRO, 2005, p. 96).

A docência na Educação Infantil inclui, dessa forma, a responsabilidade pelas práticas de cuidado e educação que atentem para as especificidades do trabalho com bebês ancorada nas dimensões ética, cognitiva e emocional. É com essa perspectiva que nos voltamos para as ações das professoras diante das manifestações de choro dos(as) bebês, situações ao mesmo tempo delicadas e altamente exigentes para adultas e crianças.

Resultados e discussão

A pesquisa foi realizada em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) de Belo Horizonte. Os dados foram construídos por meio da observação com registro em diário de campo entre os meses de março e abril de 2017,

totalizando 26 dias e 178 horas de observações. Foram realizadas entrevistas com 9 professoras e 1 auxiliar. As professoras são concursadas para o cargo de Professor para a Educação Infantil e a auxiliar tem contrato como celetista e não possui formação em magistério ou pedagogia. As professoras têm jornada diária de 4 horas e meia e as auxiliares trabalham 8 horas. Os nomes das interlocutoras e das crianças são fictícios. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

O Quadro 01 apresenta a síntese dos recursos utilizados pelas professoras para interpretar o choro dos(as) bebês:

Quadro 01: Recursos utilizados pelas adultas em relação a interpretação dos choros das(os) bebês

	Se configura como um jogo de interpretações, intuições e tentativas
Recursos utilizados pelas adultas em relação a interpretação dos choros das(os) bebês	É necessário conhecer a criança e indispensável a construção do vínculo com a(o) bebê
	Necessita de tempo e da ajuda das outras adultas. A observação é o instrumento mais utilizado por elas
	Há diferença de choros entre as crianças, mesmo quando desejam a mesma coisa
	O choro sempre vem acompanhado por manifestações corporais que ajudam na interpretação
	A experiência doméstica com o cuidado de outras crianças auxilia na interpretação

Fonte: entrevistas com as adultas, 2017/2018.

Dos dados registrados no diário de campo, fizemos uma categorização de forma não apriorística conforme consta no Quadro 02.

Quadro 02: Registros dos choros dos bebês a partir de notas de campo

Categorização dos choros	Número de ocorrências
Choro como desencadeador de práticas de cuidado	74
Expectativas/especulação das adultas com relação aos choros das(os) bebês	28
Choro como desencadeador de incômodo	10
Registro de choro sem interferência do adulto	07
TOTAL	119

Fonte: notas de campo, 2017.

No que se refere às ações de cuidado e educação realizadas pelas professoras e pela auxiliar no berçário, diante das manifestações de choro das(os) bebês, o Quadro 02 mostra que a maior incidência se refere ao choro como desencadeador dessas práticas. As entrevistadas afirmaram que no começo do ano elas entendem o choro como ausência da família e do ambiente doméstico e, aos poucos, vão identificando se é sono, fome, dor, "pirraça", desconforto. Nesse momento de inserção da criança na creche elas organizam os horários de chegada e saída de cada criança a partir do comportamento delas, como preconiza a literatura da área (AMORIM; VITÓRIA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000; BARBOSA, 2008), aumentando gradativamente o tempo de permanência na instituição.

Observa-se que, quando as adultas ainda não conseguem identificar o que as(os) bebês sentem e/ou desejam, elas trabalham com um jogo de interpretações, intuições (ROSEMBERG, 2013) e tentativas para conhecer aos poucos cada uma das crianças, bem como as suas manifestações individuais, como podemos verificar no relato da professora Júlia:

Isso aí eu acho assim, que é conhecendo pouco a pouco de cada criança mesmo. Você vê que está com um choro muito alto daí você vai analisar o que está acontecendo na situação para o bebê estar chorando daquele jeito. Se ele acabou de acordar e está com choro, está querendo ser acolhido. Aí eu presto atenção, mas cada criança tem um jeito mesmo de acordar. O outro está chorando porque está com sono. Além do choro por si só o movimento dos braços, das pernas, do corpo (entrevista, 2017).

A professora descreve suas ações como contextuais e referidas às particularidades de cada criança em diferentes momentos, confirmando o que Moliner (2012) apresenta como característica do cuidado. Para o que nos interessa neste trabalho, em que o choro é entendido como uma forma de linguagem dos(as) bebês, parece-nos relevante o esforço de compreensão das demandas dos(as) bebês feito pela professora.

Observa-se também que as professoras mobilizam conhecimentos e habilidades aprendidos na experiência privada, como mães ou tias, o que nos remete aos debates históricos da área, em que a ideia de naturalidade da condição

feminina para cuidar sustentava as ações das primeiras creches. No entanto, mais recentemente, as análises sociológicas e políticas têm chamado a atenção para o processo de aprendizagem não institucionalizado, que ocorre no ambiente doméstico e que, como tal, não é valorizado (DUMONT-PENA, 2015). E, tendo sido construído fora dos meios educacionais institucionais, não passa pelo controle social e não é objeto de debate. O depoimento da professora Nina a seguir fala dessa aprendizagem ancorada na experiência privada:

Eu acho que hoje eu conheço elas pelo o que eu já vivi. Pelo o que eu já aprendi lá atrás porque eu tive experiência com duas filhas e mais sobrinhos que eu ajudei a cuidar e sempre tive muito contato direto com esses sobrinhos. Eu tive uma sobrinha, por exemplo, que ela dava pirraça e chorava e rolava. Se ia lá acudir aquela pirraça e fazia o que ela queria ela levantava como se não tivesse nada. Ninguém encostou um dedo nela, ninguém bateu, ninguém fez nada, mas fez a vontade dela, ela levantava e pronto. Acabou o choro. No dia a dia, nessas situações do dia a dia eu fui aprendendo a diagnosticar o choro de cada um naquele momento (entrevista, 2017/2018).

Percebe-se também que é no trabalho que ela amplia sua capacidade de conhecer e agir com as crianças, mas nenhuma das entrevistadas mencionou situações de reflexão coletiva institucionalizada sobre as manifestações das crianças e sobre as próprias atitudes e ações. Essa questão nos parece ainda mais relevante tendo em vista que apenas uma das professoras entrevistadas não era mãe e não havia tido experiência de cuidar de crianças no ambiente doméstico e foi a única que afirmou que não conseguia interpretar o choro dos(as) bebês.

Esse fato nos auxilia na compreensão da pluralidade dos elementos de interpretação que orientam as ações das adultas através de valores individuais construídos pela interiorização cultural e normativa de cada uma delas.

Outro elemento que se destaca em relação às manifestações de choro dos bebês no berçário estudado é o incômodo. Tanto alguns bebês, quanto as adultas se incomodam quando o clima da sala fica um pouco conturbado, tal como percebemos no episódio a seguir:

Ana chegou sem chorar hoje, mas não permaneceu assim por muito tempo. O choro dela incomoda tanto as professoras, quanto as outras crianças. O Artur coloca a mão no ouvido. O João chora e levanta os braços pedindo colo quando a Ana chora perto deles. As professoras comentam sem parar: *“Impossível isso! Deve estar acontecendo alguma coisa. O choro dela é muito alto”*; *“ela fica toda inchada”*; *“não sei mais o que fazer”*; *“não aguento isso”* e por aí vai (notas de campo, 2017).

Os registros de observação da rotina do berçário indicam que prevalecem as ações direcionadas a cada bebê e, diante da dificuldade de compreender como atender às suas necessidades específicas, certo clima desconfortável se instala. É como se a “solução” para o desconforto de todos (bebê que chora, demais crianças e adultas) dependesse de um *insight* da professora. Embora em seus discursos, durante as entrevistas, elas não tenham mencionado contarem com espaços de reflexão coletiva institucionalizados sobre essas situações tão corriqueiras no Berçário, observamos que elas procuram diversificar os ambientes frequentados pelos bebês durante o dia e reveem a organização do trabalho diário de modo a proporcionar mais conforto para todos. Esse aspecto evidencia, como descrito por Shôn (1992), que a docência sempre conta com uma dimensão de reflexão na ação. Além disso, as professoras buscam diálogo com as famílias para descartar possíveis incômodos relativos à saúde do bebê. Outra ação recorrente por parte das professoras é solicitar informações sobre a rotina e sobre os bebês para a auxiliar, visto que é ela quem passa mais tempo com as crianças possibilitando maior conhecimento das características e necessidades e fortalecimento de vínculos com os bebês (BITENCOURT e SILVA, 2017). Quando questionada sobre os desafios de trabalhar com bebês a professora Emanuele nos conta:

A princípio para mim é a questão de ainda não reconhecer o choro. Tá chorando por quê... A Rafaela [auxiliar] já olha e fala: *“está chorando porque está com dor. Está chorando porque está com sono”*. Alguns eu consigo reconhecer, outros eu não dou conta. O choro parece o mesmo (...) (entrevista, 2017/2018).

Importante destacar também as manifestações corporais (Quadro 02) como elemento expressivo para as adultas na interpretação dos choros das crianças. Seja o olhar, o balançar dos braços e pernas, as lágrimas, as formas de movimentar o corpo, bem como os sons provenientes dos choros. A observação cotidiana as auxilia a ir conhecendo as crianças.

Conclusão

A docência com os bebês apresenta desafios à formação de professores e às práticas de cuidado e educação, ainda sem resguardo suficiente nas políticas públicas. A delicadeza do trabalho com bebês exige das professoras e demais adultas disposições e disponibilidades que extrapolam as dimensões cognitivas, encerrando grande exigência emocional. Consideramos relevante destacar a existência de saberes sociais sobre o cuidado com bebês no contexto familiar cuja transposição tem sido feita pelas professoras sem o devido espaço-tempo institucional para reflexão coletiva que poderia resultar em sistematização e construção de referências para o cuidado profissional em contexto coletivo. Nessa direção, destacamos tanto a importância de pesquisas dentro e fora do universo educacional, quanto a indicação para as políticas públicas da formação continuada e em serviço que assegurem reflexão coletiva permanente, tendo em vista o caráter delicado e as exigências éticas e emocionais do trabalho de cuidar e educar bebês.

Referências

- AMORIM, K. S.; VITÓRIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Rede de significações**: perspectivas para análise da inserção de bebês na creche. Cadernos de Pesquisa, nº 109, p. 115-144, mar/2000.
- BARBOSA, M. C. S. **A prática pedagógica no berçário**. In: ENCONTRO NACIONAL DO MIEIB, 23, 2008, Porto Alegre/RS. Anais do Encontro Nacional do MIEIB.
- BITENCOURT, L. C. A.; SILVA, I. O. **O cuidado e educação das(os) bebês em contexto coletivo**: a construção da experiência da Auxiliar de Apoio à Educação Infantil na interação com bebês e professoras. Revista Zero a Seis, v. 19, n. 36, p. 379-396, jul-dez, 2017.
- BRASIL. Senado Federal. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer CNE/CEB nº 20, 2009.
- DUMONT-PENA, E. **Cuidar**. Relações sociais, práticas e sentidos no contexto da Educação Infantil. [Doutorado] UFMG, 2015.
- ELMÔR, L. N. **Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche**: um estudo de caso. Mestrado em Psicologia, USP, Ribeirão Preto – SP, 2009.
- ELTINK, C. F. **Indícios utilizados por educadores para avaliar o processo de inserção de bebês em uma creche**. In: ANPED, 23, 2000.
- HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. Introdução. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. (org.) **Cuidado e Cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. SP: Atlas, 2012.
- HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.; SUGITA, K. Cuidado e cuidadoras: o trabalho do care no Brasil, França e Japão. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (org.) **Cuidado e Cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. SP: Atlas, 2012.
- MOLINIER, P. Ética e trabalho do care. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (org.) **Cuidado e Cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. SP: Atlas, 2012.
- MONTENEGRO, T. **Educação Infantil**: a dimensão moral da função de cuidar. Psicologia da Educação. Nº 20, jun., 2005.
- PANTALENA, E. S. **O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais**. Mestrado, FEUSP, USP, SP, 2010.
- ROSEMBERG, F. **Políticas de Educação Infantil e Avaliação**. Cadernos de Pesquisa, v. 43, n. 148, p. 44-75, jan./abr., 2013.